

MIATELLO, André Luis Pereira. **Santos e pregadores nas cidades medievais italianas: retórica cívica e hagiografia**. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. 192p. ISBN 978-85-8054-128-1.

Heverton Rodrigues de Oliveiraⁱ

A leitura conduz a uma imersão no universo do autor, nas suas pesquisas, fontes, diálogos com outros autores e escolas de pensamento, possibilita conhecer o árduo trabalho de um pesquisador que tenta condensar em algumas páginas, longos dias, meses e anos de trabalho. A leitura crítica da obra *Santos e pregadores nas cidades medievais italianas: retórica cívica e hagiografia*, contribui para o conhecimento deste universo de trabalho de André Luis Pereira Miatello. O autor, André Miatello, atualmente é professor adjunto de História Medieval da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte.

Na introdução, Miatello apresenta de forma clara que o principal objetivo da obra é demonstrar o uso dos relatos hagiográficos pelos mendicantes do século XIII, como os frades Menores (franciscanos) e os Pregadores (dominicanos), nas pregações, em busca de uma atuação política nas cidades italianas do medievo. A pregação mendicante seguia o modelo estabelecido pela oratória sacra, tendo como principal conteúdo a pregação penitencial, pregar a penitência era a centralidade na oratória dos frades. Como traço característico da pregação mendicante, Miatello trás a maneira singular dos mendicantes em aplicar a pregação à vide em sociedade. A riqueza da obra se encontra na vasta documentação consultada e no diálogo com uma valiosa bibliografia de importantes medievalistas.

Na obra em epígrafe, temos a oportunidade de acompanhar uma discussão em torno de três temas essenciais, que são hagiografia, pregação e retórica. Com mais precisão, Miatello trabalha com a hagiografia mendicante, com um conjunto de Vidas de santos compostas por membros das Ordens mendicantes. Essas Ordens aparecem no século XIII, e ao contrário das Ordens Monásticas que vinham de séculos de uma tradição ascética, os mendicantes fizeram uso de variadas ferramentas, dentre elas a hagiografia, para legitimarem sua forma de vida e se defenderem dos ataques oriundos do clero secular e monástico. As Vidas dos santos, seus relatos de milagres, se tornam um importante veículo propagandístico para a difusão dos valores e ideais mendicantes.

As cidades foram o campo de ação dos novos religiosos, a Itália setentrional é o espaço geográfico analisado na obra. Neste território, os mendicantes, juntamente com o papado, sobretudo no pontificado de Inocêncio III e Gregório IX, trabalharam afincado para a implantação de uma política cívica que tinha por objetivo conter os hábitos de uma sociedade do comércio e da concorrência. Para Miatello “a hagiografia se tornou uma espécie de arma ideológica nas mãos dos mendicantes, do papado e das cidades, todos estes envolvidos num projeto de controle das populações e instituições urbanas” (2013, p. 18).

Estando envolvidas em um projeto comum e surgidas ambas no século XIII, as Ordens mendicantes divergiam em alguns fatores, tais como na pobreza, que para os Frades Menores era compreendida como valor absoluto, enquanto que os Pregadores a concebia como uma estratégia funcional. Os Pregadores, fundados por Domingos de Gusmão, surgiram na França a partir de uma necessidade pastoral de combate aos heréticos, este combate fez nascer a necessidade de um aprofundamento exegético bíblico para enfrentar o ensino heterodoxo dos hereges, acentuando assim o aspecto racional e a retidão da doutrina. Já os Menores, grupo que se origina em torno do carismático Francisco de Assis, pretendiam adequar suas vidas ao ideal de vida de Cristo e dos apóstolos, buscando assim a penitência e a pobreza praticada no cristianismo das origens. Tanto Pregadores quanto Menores, tiveram por inspiração fundacional a chamada *vita vere apostólica*, bastante difundida no século XIII.

Neste intento de discutir a hagiografia, a pregação e a retórica dos mendicantes, Miatello dialoga com diversos teóricos que se detiveram sobre o tema, desde os bollandistas até os mais contemporâneos, como por exemplo, Hippolyte Delehaye, René Aigrain, Jacques Dalarun, Jacques Dubois, Jean-Loup Lemaitre, André Vauchez e outros. A obra apresenta uma tendência historiográfica francesa, revisitando um tema antigo com um novo olhar.

Os quatro capítulos que constituem a obra, possibilitam ao leitor percorrer o caminho do uso dos relatos hagiográficos pelos mendicantes em suas pregações e sua influência na política cidadina da Itália setentrional no século XIII. A hagiografia é analisada segundo suas perspectivas formais, suas normas de composição e sua poética própria, as Vidas dos santos eram compostas respeitando as normas e padrões estéticos e retóricos da literatura. Os relatos hagiográficos foram de tal maneira bem articulados com a retórica que a beleza das letras se aliou aos intentos

da divulgação da fé, arte e pregação unidas em um mesmo ideal, comover os ouvintes e convidá-los à imitação do modelo, do *exempla* apresentado. (capítulo 1).

A pregação havia se tornado um ofício, no século XIII a preocupação com o pregar gerou uma disseminação de manuais que traziam compilações da exegese patrística para auxiliar o trabalho dos pregadores. A política reformista papal, iniciada por Inocêncio III e levada adiante por Gregório IX, considerou a pregação, controlada pela cúria romana, como principal arma no combate aos heréticos e na reforma da Igreja pretendida pelos conciliares de Latrão IV (1215). O papa Gregório reconheceu a importância da hagiografia na política, para a extirpação herética, que garantiria, segundo o pontífice, a paz urbana e o equilíbrio da ordem social. Gregório IX utilizou do culto aos santos mendicantes para a execução dos propósitos reformistas da Igreja, André Miatello analisando as bulas, documentos e decretos pontifícios deste período, demonstra o empenho da política reformista da cúria romana em canonizar Francisco de Assis, Antônio de Pádua e Domingos de Gusmão e a importância destas canonizações para a hagiografia mendicante (capítulo 2).

As cidades foram o palco da pregação dos mendicantes, a vida urbana em ascensão encontra seu apogeu no século XIII, século no qual os mendicantes estão buscando uma organização e uma afirmação enquanto vida religiosa, diferente da Vida Monástica, os mendicantes escolhem as cidades como lugar de ação pastoral. O mérito da obra de André Miatello consiste na sua valiosa análise da retórica religiosa e suas relações com a retórica cívica, com riqueza de documentos e sólida base argumentativa apresenta a relação entre a retórica cívica e as hagiografias e culto aos santos (capítulo 3). Para o autor,

a proximidade entre concio e praedicatio, vale dizer, entre retórica cívica e religiosa, não é apenas formal, mas também funcional: ambas, no caso italiano, estão envolvidas com a matéria vivente das cidades comunais de tal forma que as instituições, sejam cívicas, como as magistraturas urbanas, sejam religiosas, como o papado e as Ordens mendicantes, pretendem reter para si o controle desta junção (2013, p. 99).

A pregação alcançou considerável importância no interior das Ordens mendicantes que apenas os frades mais bem preparados poderiam exercer tal ofício. Analisando o documento legislativo mais importante da Ordem dos frades Menores a *Regula Bullata* (1223), Miatello destaca esta importância da pregação

visto que os frades necessitavam de uma autorização do ministro geral da Ordem, a autoridade máxima no interior da mesma, para exercerem o ofício de pregadores, sabe-se assim que não eram todos os frades investidos do ofício da pregação.

No ambiente citadino, a relação entre retórica hagiográfica e a oratória dos pregadores mendicantes é marcada pelas práticas moralizantes, tanto para o clero secular e monástico, o que gerou atritos entre estes e os mendicantes, quanto para os leigos inseridos neste turbilhão de acontecimentos nas cidades medievais italianas. Miatello analisa o vocabulário empregado pelos hagiógrafos na composição das hagiografias mais representativas deste período, que são: *Vita beati Francisci* (1228), primeiro relato hagiográfico de São Francisco; *Compilatio Assisiensis* (1246); *Memoriale in Desiderio animae* (1247); *Legenda Maior sancti Francisci* (1263) e *Actus beati Francisci et sociorum eius* (por volta de 1335). Em uma análise específica a respeito da hagiografia mendicante no interior da Ordem dos Frades Menores, com uma eloquência e precisão, o autor trabalha conceitos como penitência, paz, concórdia, unidade, governo, caridade e justiça, apresentando o intento dos pregadores em transpor para a sociedade urbana a ética religiosa presente no interior das Ordens mendicantes (capítulo 4).

Por fim, chama nossa atenção a riqueza da documentação e a abordagem realizada pelo autor, revisitando um tema antigo, que é a pregação no interior da vida eclesial e de modo particular relacionando-a com a retórica cívica, percebendo a estreita ligação do ofício de pregador com o projeto de moralização das cidades e das políticas urbanas na Itália do século XIII. Este livro torna-se uma importante ferramenta para os estudiosos de temas como hagiografia, pregação, renascimento das cidades, o poder da palavra na organização social, reforma papal e outros temas e subtemas abordados pelo autor no interior da obra.

NOTAS

ⁱ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Possui Graduação (2009) e Especialização em História (2012) pela Universidade Federal de Goiás, Graduação em Teologia (2014) pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás. Tem experiência na área de História com ênfase em Hagiografia, Ordens religiosas e mendicantes, Religiosidade e Espiritualidade Medieval, História da Igreja Medieval. Participante do Sapiientia: Grupo de Estudos Medievais e Ibéricos, ligado à Faculdade de História da UFG.
E-mail: heverton.de@hotmail.com